



VEYNE, Paul. **Foucault**: sa pensée, sa personne. Paris: Albin Michel, 2008.

Sônia Regina Martins de Oliveira

Bacharel em Jornalismo, Mestre em Filosofia (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail:
sonia.m.oliveira@gmail.com

O último livro do historiador Paul Veyne, ainda sem tradução para o português, é inclassificável tanto quanto o próprio autor, assim como o filósofo de que trata. É um livro intencionalmente híbrido. Não é uma biografia, nem um livro puramente teórico sobre os temas de Foucault; tampouco é um apanhado de comentários sobre seus livros. Nesse sentido, o título adianta o que está por vir; a obra é um panorama sobre o pensamento de Foucault e sobre a pessoa que ele era.

Antes, cabe uma breve apresentação do autor, que de certa forma é um pressuposto para compreender o tom de personalidade e amizade que conduz o texto. Paul Veyne e Michel Foucault se conheceram na *École Normale Supérieure*, em 1954, antes de se reencontrarem no *Collège de France*, em 1975, no qual Veyne lecionou a cadeira de História de Roma, entre 1975 e 1999. Eram amigos pessoais e vizinhos nos anos de *Collège de France* e, mais importante, possuíam uma grande afinidade intelectual. Portanto, não há nenhuma pretensão de dissimular a admiração de Veyne por Foucault. Essa faceta de relato pessoal do livro acaba por torná-lo sem dúvida instigante.

Mas o livro também percorre o caminho do pensamento de Foucault. A introdução desmente muitas críticas precipitadas feitas à obra foucaultiana. Foucault não foi, afirma Veyne, estruturalista, relativista, historicista, tampouco foi niilista, pois constatou a existência da liberdade humana. Foucault foi – e Veyne dedicará várias páginas a discorrer sobre esta característica – um pensador cético, basicamente por não admitir “nenhuma transcendência fundamental” (VEYNE, 2008, p. 9).

As pouco mais de duzentas páginas do livro dividem-se em onze capítulos que abordam os aspectos mais polêmicos do trabalho de Foucault. O discurso, o *a priori* histórico, o ceticismo, a arqueologia, a crítica à essência do Ser, as ciências físicas e humanas, o saber/poder/dispositivo, a crítica de valores e a crítica política e, por fim, no capítulo Retrato do Samurai (*Portrait du samurai*) está a justificativa para a referência a Foucault, não como filósofo ou professor, mas como herói.

No primeiro capítulo, “Tudo é singular na história universal: o discurso,” Veyne trata do método usado em obras como *História da Loucura, Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade*. À primeira vista, parecem ser apenas um retrato das diferentes formas de como a humanidade tratou a loucura, a punição e o sexo. Mas o que perpassa essas obras é um dos grandes temas foucaultianos: a verdade. Pode-se crer na adequação da verdade ao seu objeto? Foucault não acreditava numa verdade especular, “segundo ele, o objeto em sua materialidade não pode ser separado dos quadros formais através dos quais nós o conhecemos e que Foucault, em uma palavra mal escolhida, chama ‘discurso’” (VEYNE, 2008, p. 14).

Veyne parte de um exemplo: se ao escrever a história do amor ou da sexualidade seria suficiente apenas com a conclusão verificar as variações do tema entre pagãos e cristãos; ou se poderia levar a análise adiante, talvez pela motivação advinda da expressão de um autor grego ou medieval, uma nuance jamais vista e, ao invés de negligenciar esse pequeno texto morto fosse feito o esforço para explicitar o que estava implícito. Esclarecido este texto, o tema eterno que existia no início desaparece e o que resta não é mais que variações, que noções diferentes umas das outras que se sucedem e que denominamos prazer na Antiguidade, carne no medievo e sexualidade entre os modernos. A supor ainda que a ciência descubra algo de verdadeiro sobre a homossexualidade. Um fator genético, por exemplo, o que será feito desse pequeno pedaço de “verdade”?

Ontologicamente, não existe nada além de variações. O tema trans-histórico é vazio de sentido. Foucault parte do detalhe e faz o esforço intelectual de explicitar esse discurso, o que torna tanto o trabalho do historiador quanto o do leitor mais difícil, mas que não arrisca ater-se a uma ideia geral, desconsiderando as diferenças decisivas. A sexualidade e a loucura existem, não são invenções ideológicas. Porém, não se apreende a *verdade* das coisas, porque não se chega a uma coisa em si a não ser pela ideia que é feita dela a cada época, ideia essa cuja representação última é o discurso; aproxima-se das coisas apenas como “fenômenos” (VEYNE, 2008, p. 21).

Nesse ponto, Veyne introduz uma noção fundamental para Foucault, pois se este nega e critica noções gerais de verdade, a que então além sua pesquisa? Resposta: as singularidades. A singularidade é problematizada a cada vez conforme o acaso do destino, da “*concatenação complicada de causalidades que se reencontram*” (VEYNE, 2008, p. 22. grifos nossos).

Veyne traz no segundo capítulo, “Não há outro *a priori* que a história”, a reação da Escola Francesa quanto ao Foucault historiador. Segundo Veyne, os historiadores estavam muito ocupados em explicar a história “en rapportant” à sociedade. E, nos livros de Foucault, eles não encontraram as realidades que tinham por regra procurar, mas encontraram problemas que não eram deles – o discurso, a história da verdade. Esses mesmos historiadores já tinham o próprio método estabelecido e não estavam dispostos a questionamentos, ainda mais de um filósofo cujas obras não compreendiam. Num colóquio com historiadores em 1978, Foucault assevera: “é necessário se desfazer do preconceito segundo o qual uma história sem causalidade não será mais uma história” (FOUCAULT 1978 apud VEYNE, 2008, p. 39).

Ainda a respeito de uma reflexão sobre o método histórico de Foucault, Veyne afirma:

Há uma sensibilidade metafísica tácita na pintura da história foucaultiana. Não podemos pensar qualquer coisa a todo momento, pensamos somente nas fronteiras do discurso do momento. Tudo o que cremos saber está limitado ao nosso desconhecido, nós não vemos os seus limites e ignoramos que eles existam. (VEYNE, 2008, p. 44).

No capítulo “O ceticismo de Foucault” Veyne retoma a afirmação do início do texto: Foucault era um filósofo cético. Essa conclusão veio de uma entrevista concedida apenas vinte e cinco dias antes de sua morte. Ao ser indagado diretamente se era cético, Foucault responde afirmativamente. Foucault duvida de verdades muito gerais, assim como das grandes verdades atemporais. Como afirmado no início de *Nascimento da Biopolítica*, o universal não existe, somente as singularidades.

Este capítulo traz um subtítulo interessante: “Cético, mas não inimigo da humanidade”. Neste ponto, Veyne relata a polêmica gerada pela última frase de *As Palavras e as Coisas*: “o homem se apagará, como um rosto de areia no limite do mar” (FOUCAULT apud VEYNE, 2008, p. 67). Não se tratava de uma provocação, nem de uma blasfêmia, nem como muitos de boa-fé pensaram, de uma alegoria ao vazio da condição humana, de uma melancolia. A frase de Foucault significou simplesmente que seria possível dizer de que o homem era

feito, mas não interrogar seu “ser” como fizeram Heidegger e Sartre. Como Foucault diz em 1980, nove anos mais tarde, os homens não cessaram de deslocar sua subjetividade constantemente no curso da história.

O capítulo contém ainda o subtítulo: “Os limites desse ceticismo”, no qual Veyne explica que bem ou mal se pode decifrar a natureza, recontar a história e descrever a sociedade. É possível determinar a realidade material do que existiu nas câmaras de gás, afirma Veyne ao tratar do Holocausto. É o modo pelo qual é dado conhecer; jamais frente a uma experiência primitiva, fundamental, de um objeto preexistente a todo discurso. A frase pertence a este contexto e por isso Foucault pôde afirmar não haver nenhuma verdade universal no domínio humano. Não era de verdades, mas de detalhes. Foucault pretendia fundar sua pesquisa nesses pequenos fatos e não em um princípio filosófico geral.

O quarto capítulo, que traz como foco a arqueologia, aproxima Foucault de Nietzsche: todos os conceitos são derivados. Assim também as realidades são derivadas; elas se formam por adição e modificação, são constituídas no tempo por acidentes, bifurcações, acasos. O objeto de conhecimento não permanece o mesmo através dos discursos sucessivos e o modo de objetivação não é o mesmo conforme o tipo de saber a se atingir. Uma mesma coisa pode ser vista por diferentes jogos de linguagem e aparecer neles de forma diferente.

No capítulo seguinte, “Universalismo, universais, epigênese: os princípios do cristianismo”, Veyne discorre sobre a pretensa universalidade do cristianismo, demonstrando como essa universalidade foi muito mais produto da ambição de alguns em ver sua doutrina atingir um vasto número de pessoas do que um preceito da seita judaico-cristã primitiva.

O sexto capítulo, ironicamente intitulado “Apesar de Heidegger, o homem é um animal inteligente”, é dedicado a afastar a história foucaultiana da história heideggeriana. Nada é mais distante de Foucault que o *pathos* messiânico de Heidegger, a convicção de uma história destinada ao homem. O homem heideggeriano possui uma vida interior, conhece o Ser, ignora o desejo, a necessidade, o trabalho, a deliberação política. Foucault reproduz quase literalmente uma frase de Heidegger, porém, com sentido absolutamente diferente. “A vida, escreve ele, culminou com o homem num ser vivo que não se encontra jamais completamente em seu lugar, num ser vivo impelido a errar e a se enganar” (VEYNE, 2008, p. 110). *Enganar-se*, porque o discurso conhece somente o empírico, o fenomênico. *Errar*, porque tudo o que é pensado e feito pelos homens é arbitrário e muda – a sociedade, a cultura. Para um empirista como Foucault, o Ser é um fantasma verbal. A possibilidade de conhecer não é mais que uma realidade e toda verdade é passível de crítica.

Nesse sentido conclui Veyne:

[...] o homem não é um anjo decaído que se recorda do céu nem um pastor do Ser segundo Heidegger, mas um animal errante que não tem nada a saber além de sua história, que é uma perpétua positividade, sem o recurso exterior de uma negatividade que, intrusão após intrusão, acabaria por conduzi-lo à totalidade. (VEYNE, 2008, p. 113).

O capítulo sete, “Ciências físicas e humanas: o programa de Foucault”, desassocia finalmente Foucault do relativismo e do historicismo. As conclusões da arqueologia e da genealogia não são relativas, mas *provisórias*. “As verdades da genealogia, da arqueologia são vistas desde a ‘perspectiva’ de um momento” (VEYNE, 2008, p. 129). Foucault não poderia ser um relativista pois, à diferença de Spengler, em falta de generalizações e verdades absolutas, ele pretendia de qualquer modo uma cientificidade e, principalmente, verdades empíricas e perpetuamente provisórias (VEYNE, 2008, p. 130).

Ao tratar do trinômio saber, poder e dispositivo, Veyne inicialmente esclarece que Foucault jamais fez uma teoria lógica ou filosófica da verdade, mas uma “crítica empírica e quase sociológica do dizer verdadeiro” (VEYNE, 2008, p. 140). Em 1978, Foucault definia que o propósito de seu trabalho era mostrar como o dispositivo saber-poder é formado na relação entre uma série de práticas e um regime de verdade. As relações de poder, traço peculiar da teoria de Foucault, estão presentes por toda parte; em compensação, se delas não se pode escapar, sempre se pode modificá-las. Em se tratando de uma relação bilateral, o contraponto da obediência é a liberdade. Veyne ironicamente diz: “sim, livres” e explica que o dispositivo de poder é menos o determinismo ou as barreiras impostas à iniciativa do sujeito que o obstáculo contra o qual o pensamento reage ou não reage.

Ainda no oitavo capítulo, “Uma história sociológica das verdades: saber, poder, dispositivo”, Veyne desfaz a imagem do Foucault estruturalista. Se houve alguma similaridade entre o estruturalismo e o pensamento foucaultiano, foi apenas quanto a admitir que o pensamento não é autogenético, não surge do nada, mas é explicado por algo diferente de si mesmo – as estruturas para os estruturalistas e os discursos para Foucault. Pouco a pouco, Veyne foi argumentando por que Foucault não se enquadrou em nenhuma das categorias nas quais tentaram formatar seu pensamento.

É no ano de sua morte que Foucault traz ainda uma grande problemática: a função da filosofia no presente. Essa função seria diagnosticar o presente e, para o filósofo, o meio para levar adiante esse diagnóstico deveria ser a crítica histórica. “O papel do intelectual é fazer ruir as evidências, dissipar as familiaridades admitidas”, dizia Foucault (apud VEYNE, 2008, 178). Porém,

sempre reticente ao relatar suas posições pessoais, Foucault afirmava que o papel do conselheiro é apresentar os meios para ação, sem a pretensão de dizer o que os outros deveriam ou não fazer. As lutas contra as prisões, asilos psiquiátricos ou a pena de morte eram eleitas porque importavam à sua subjetividade, fundadas sobre uma experiência pessoal.

No décimo capítulo, “Foucault e la politique”, Veyne apresenta uma das grandes polêmicas associadas a Foucault que repercutiu por muito tempo: a revolução iraniana. Foucault mostrou-se admirado com a personalidade forte de Khomeyni, com sua força argumentativa, capaz de levar centenas de pessoas a se jogarem frente a tanques de guerra. Para Veyne, no entanto, após o encontro com o aiatolá Foucault confessa: “ele me falou de seu programa de governo; se ele tomar o poder, será de uma besteira digna de choro” (VEYNE, 2008, p. 187). Veyne considera que o entusiasmo inicial de Foucault estava relacionado à simpatia prévia para com todos os movimentos de revolta do que por ilusões quanto ao alcance da revolução. Como resume o historiador, *Nobody is perfect*.

O capítulo final leva à intimidade de Foucault. Ao seu caráter amigável, leal e generoso; ao apelido de *Le Foulks* – uma aproximação do inglês “Fox”, raposa – que Veyne e seus amigos lhe deram; ao preconceito contra a homossexualidade sofrido inclusive dentro o Partido Comunista. O livro de Paul Veyne é uma negação dos preconceitos contra Foucault, das críticas que buscavam classificar o inclassificável, colocar em caixas um pensamento que tinha como traço marcante a vivacidade. Veyne demonstra sua proximidade com Foucault, mas também o conhecimento profundo de sua obra. Vale ressaltar que não faltam referências aos *Dits et écrits* e demais escritos de Foucault. No último capítulo, Veyne confessa ter estado presente nas aulas no *Collège de France*. Apesar disso, ainda é o olhar de Veyne sobre a obra de Foucault que se apresenta, é a perspectiva do historiador sobre o trabalho do filósofo. Seria possível dizer que este é um dos livros mais próximos de Foucault, enquanto professor e pessoa, proximidade esta que somente a convivência com o filósofo poderia proporcionar.

Recebido: 26/04/2009

Received: 04/26/2009

Aprovado: 05/05/2009

Approved: 05/05/2009

Revisado: 05/10/2009

Reviewed: 10/05/2009